

# A circulação e leitura das obras de Frei Luís de Granada nos séculos XVI e XVII na Península Ibérica

The circulation and reading of Friar Louis of Granada in the  
sixteenth and seventeenth centuries in the Iberian Peninsula

*Célia Maia Borges*

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Minas Gerais

## Resumo

As obras do dominicano Frei Luís de Granada conheceram ampla circulação na Península Ibérica na segunda metade do século XVI e início do XVII. Seus escritos foram lidos por leigos e religiosos. A ênfase sobre a oração mental e a valorização do conhecimento afectivo em suas obras contribuíram para a difusão de seus escritos, visto que era grande o interesse pela espiritualidade mística naquele período. Suas obras adquiriram grande amplitude e influenciaram sobremaneira muitos dos espirituais de seu tempo.

O presente artigo tem por objetivo mostrar a ascendência dos escritos do dominicano granadino no seu tempo. Os livros de Frei Luís de Granada, principalmente os que tinham como meta conduzir o cristão no caminho da contemplação, foram encontrados em várias casas e registrados pelos cronistas das ordens religiosas, citados por autores espirituais, e até ajudaram a compor temas iconográficos.

**Palavras-chave:** Frei Luís de Granada, livros, Península Ibérica.

## Summary

The works written by the Dominican Luís de Granada had achieved wide circulation in the Iberian Peninsula by the second half of the sixteenth and the beginning of the seventeenth century. His writings were read by religious and lay men. They emphasized the valorization of affective spirituality and mental prayer, which contributed to the diffusion of his writings because of the great interest in mystical spirituality in the period. His works greatly influenced many of the spiritual men of his time.

This article aims to show the influence of the writings of the Dominican Granada in his time. The books of Fray Luis de Granada, particularly those intended to lead Christians on the way of contemplation, were found in several houses. They were recorded by the chroniclers of religious orders and quoted by spiritual writers. These volumes even helped in the writing of iconographic subjects.

**Key Words:** Fray Luis de Granada; readings; Iberian Peninsula

## Introdução

Merece destaque a ascendência que conheceu o dominicano Frei Luís de Granada sobre os seus contemporâneos na Península Ibérica, não só entre religiosos mas também entre leigos. Os seus livros conheceram várias edições em meados do século XVI e, inclusive, na segunda década do século seguinte<sup>1</sup>. De tal modo que diferentes religiosos, de distintas ordens, se referiam aos seus trabalhos de forma ampla. Já na primeira metade de Setecentos, o licenciado espanhol Luis Muñoz (1639) se aplicou em elaborar um inventário minucioso de todos os que entraram em contato com a obra do mestre granadino que teve várias edições em francês, italiano, alemão e latim ainda em vida do próprio autor<sup>2</sup>. O *Guía de Pecadores*, por exemplo, publicado em Portugal, foi igualmente traduzido para o italiano e logo para o latim, seguindo-se uma edição em Veneza em 1576 e duas outras em Colônia em 1587 e 1590 (Muñoz, 1639:175).

De fato, o êxito editorial foi enorme tanto na Península Ibérica como na França<sup>3</sup>, onde São Francisco de Sales recomendava a leitura das obras granadinas (Serquet, 1958:40-73). Também na Itália se traduziram e publicaram diversas obras. Os livros mais apreciados eram os que guiavam no caminho da contemplação e, nesse sentido, o *Libro de la Oración y Meditación* conheceu inúmeras edições e em cada uma delas constam os vários modelos de exercícios de oração mental. Em 1595, sete anos após a morte de Granada, veio à luz em Veneza o livro *Memorial*, em língua italiana, com um prólogo do Joannini Capuano que faz a apresentação do autor<sup>4</sup>. No ano de 1605 apareceu um pequeno livro, de Frei Francisco Diogo, dando notícia da vida do frei dominicano e dos seus livros<sup>5</sup>. O nome de Granada, na ver-

---

<sup>1</sup> Ver os catálogos das obras impressas em Portugal nos séculos XVI e XVII: Anselmo, 1926; Arouca, 2003.

<sup>2</sup> Segundo o autor seiscentista Luiz Muñoz algumas das obras de Luís de Granada foi traduzidas para o japonês. Todavia, não foi possível averiguar o alcance das traduções mencionadas por este autor.

<sup>3</sup> Algumas obras de Frei Luis de Granada podiam ser encontradas em bibliotecas conventuais de França no séc. XVII. Dentre estas, contam-se o *Guía de Pecadores*, *Memorial de la Vida Cristiana* e *Introducción al Símbolo de la Fe*, publicadas entre 1556 e 1582. Bennassar, Vicent (2000 :255).

<sup>4</sup> Muñoz, 1639 [Prólogo al Lector], s/p.

<sup>5</sup> Muñoz, 1639 [Prólogo al Lector], s/p.

dade, foi mencionado em várias crônicas de ordens religiosas, quer de Dominicanos, quer de Jesuítas, quer de Carmelitas Descalços e Agostinianos.

A fundadora do Carmelo Descalço, Teresa de Ávila, orientava as suas monjas para a leitura dos livros de Granada e incitava as bibliotecas do mosteiro a ter as suas obras. Ela mesma em carta ao dominicano espanhol declarava a sua admiração por ele “hacer escrito tan santa e prevechosa doctrina e por haberlo dado Dios al mundo para tan grande y universal bien de las almas”<sup>6</sup>.

Vários livros do mestre granadino compunham o acervo da biblioteca do Mosteiro de Santa Cruz do Bussaco [grafia antiga], único eremitério dos Carmelitas Descalços em Portugal, erigido na segunda década do século XVII<sup>7</sup>. No final de Quinhentos, é a própria Santa Teresa que registrava em *Fundações* [cap. 28, & 41] que as monjas, “governavam-se pelos livros de Frei Luis de Granada e Frei Pedro de Alcântara”<sup>8</sup>. O carmelita descalço Frei Juan de Jesus Maria, Provincial da Ordem, subministrava orientações aos Mestres de Noviços para que adotassem, além dos livros de santos e doutores da Igreja, as obras de Frei Luis de Granada, mais as do Mestre Juan de Avila, do Doutor Diego Perez de Valdivia, do Padre Arias e as obras de Santa Teresa<sup>9</sup>.

Em outras casas religiosas também foi possível encontrar obras Luis de Granada. Na *Chronica dos Carmelitas*, Frei José Pereira de Santa Ana<sup>10</sup> relata que o livro de *Oração e Meditação* foi lido por religiosos carmelitas da Ordem, entre os quais, designadamente, Frei Estevão da Purificação, tido por um dos mais assíduos leitores de Granada.

“Chegoulha à mão no mesmo tempo o livro da Oração, e Meditação do Venerável Padre Fr. Luiz de Granada, um dos mais esclarecidos professores do sagrado Instituto Dominicano: e assim que o leo, reflectindo na pureza das suas sólidas doutrinas, logo o recebe por Mestre do seu espírito, usando daqueles santos exercícios pela sua mesma ordem, e confessava, que devia a sua felicidade, primeiro a Deos, que

---

<sup>6</sup> Santa Teresa (1959: 126-127).

<sup>7</sup> ANTT, mss n. 683, «Catálogo dos Livros que há no Convento de Carmelitas Descalços do Deserto de Santa Cruz do Bussaco». Do Frei Luis de Granada há dois exemplares do *Compendio de Doutrina Crista*, de 1559 e outra edição de 1622; o *Guia de Pecadores*, de 1572.

<sup>8</sup> Teresa de Jesus, *Fundações*. cap. 28; 41. *Obras Completas*, 1995: 736.

<sup>9</sup> Fr. Juan Jesus Maria. *Instruccion que Dá ao Maestro de Novicios*, tomo segundo [apud Luiz Muñoz, 1639: 207v.º -208].

<sup>10</sup> Santa Ana, 1745-175: 16.

Iha concedera, e depois àquele santo varão, que o instruíra para a saber conservar”<sup>11</sup>.

Na *Chronica dos Eremitas da Serra da Ossa*, encontra-se citada a versão de Granada a respeito da obra de S. João Climaco, vertida do latim para o espanhol, “em benefício das almas mais dadas ao Senhor pelo caminho da contemplação e o ilustrou com as suas notas”<sup>12</sup>. A tradução realizada também por Granada a partir do livro *Contemptus Mundi* alcançou várias edições<sup>13</sup>. A versão espanhola, sob forma “romanceada”, daria assim mais impulso à divulgação desta obra, mais conhecida como *Imitação de Cristo*, cuja autoria se atribui a Tomás de Kempis.

Os textos de Frei Luis de Granada tiveram um largo acolhimento entre os frades da Arrábida, em Portugal, ao ponto de, em diversas obras dos capuchos, se encontrarem referências aos textos do dominicano espanhol. Vê-se isto em vários livros onde se fazem se transcrições de inúmeras passagens dos seus escritos. É o próprio Frei Afonso de Medina<sup>14</sup> que destaca na introdução ao seu Tratado a importância do *Libro de la Oración y Meditación* de frei Luis de Granada.

“O que aqui disser será como um summario do muito que os outros dizem. Se alguém quiser ver isto mais copiosamente, quem se ocupar na meditação ha o livro da Oraçam do Padre Fr. Luis de Granada, que a meu juizo ninguem te hoje escreveo melhor desta matéria”<sup>15</sup>.

Por outro lado, nas páginas do livro de Medina colhem-se não poucas afinidades com o texto de Granada. À semelhança deste último, Medina valorizava a oração mental sem, no entanto, condenar a vocal; o tema da

---

<sup>11</sup> Santa Ana, 1745-175: 166.

<sup>12</sup> Santo Antonio, 1745; 1752: 136.

<sup>13</sup> Nas palavras de Luiz Muñoz, foi o Padre Hiriberto Rousveydo da Companhia de Jesus no segundo decênio do século dezessete que atribuiu a autoria do livro a Tomas de Kempis, flamengo, canônico regular da Ordem de Santo Agostinho. A autoria já havia sido concedida a Juan Gerson. Na tradução de Granada aparece no título *Recopilados de Diversos Autores, por el R. P.F. Luis de Granada de la Oorden de S. Domingos* (cf. Muñoz, 1639:187v.º).

<sup>14</sup> Medina, 1611.

<sup>15</sup> Medina, prólogo, (s/p).

meditação sobre a Paixão, a distribuição das vidas de meditação, exceto algumas variantes, são em quase tudo coincidentes nas duas obras<sup>16</sup>.

A fonte de inspiração proporcionada pela obra de Granada pode ser detectada em *Motivos Spirituales*, de Frei Rodrigo de Deus<sup>17</sup>. Maria Idalina Rodrigues apontou a linha de parentesco que existe entre o *Jardim Espiritual*, de Pedro de Santo Antônio<sup>18</sup>, e as obras de Granada, tais como o *Compêndio de Doutrina Cristã*, o *Manual de Oraciones* ou o *Memorial de la Vida Cristiana*<sup>19</sup>. Exactamente como em Granada, Rodrigo de Deus tece elogios à oração mental e reconhecia o valor da oração vocal, sobretudo para os principiantes. A mesma matriz discursiva de Frei Luis ordenava as meditações do capucho da Arrábida na perspectiva da via purgativa.

No decorrer de Seiscentos o nome de Granada continuou no apogeu, vários religiosos, famosos pela sua devoção no campo da alta espiritualidade, admiravam-no e seguiam-no como seus discípulos, entre os quais o Padre Manuel Bernardes (1644-1710) e Frei António das Chagas (1631-1682).

No entanto, as obras de Granada iriam ser apropriadas não só no campo da literatura religiosa mas também no campo da produção iconográfica. Segundo Vitor Serrão, as tábuas com *A Virgem e o Menino* e *a Dolorosa*, do pintor de Badajoz, Luís de Morales, conhecido como *el Divino*, do último quartel do século XVI, “são ecos formais das teses das *postrimerías* de Frei Luís de Granada, (...) eloquentes convites à oração nos oratórios domésticos na Península e em terras do Novo Mundo”<sup>20</sup>. Este artista que circulava pelas altas rodas intelectuais onde era forte a presença do pensamento granadino, compreendeu o valor da imagem no processo oracional, daí que tenha investido na produção de tabuinhas. Ou seja, em retábulos devocionais para uso doméstico que obtiveram grande popularidade no final de Seiscentos e em todo o decorrer do século XVII na Península Ibérica. Os temas de sua preferência eram os da Paixão, pintados com notável realismo (Gomes, 2008: 121). Eis, pois, como José Serrão descreve o artista:

---

<sup>16</sup> Ver a esse respeito a comparação realizada por Rodrigues 1976: 1460-61.

<sup>17</sup> Deus, 1611; ver também Rodrigues, 1976, vol. II : 1450.

<sup>18</sup> Santo Antonio, 1632.

<sup>19</sup> Santo Antonio, 1632: 1461.

<sup>20</sup> Serrão, Vitor. «O Pintor Régio Fernão Gomes, O Mosteiro da Anunciada e a Fundação da Irmandade de São Lucas, Corporação dos Pintores de Lisboa, em 1602» In Gomes, 2008: 112; 121.

“Luís de Morales não foi só um pintor de clientelas provinciais, como se supunha,mas sobretudo um erudito artista, ligado aos meios espirituais renovadores da Igreja (...) Peças como, por exemplo, o Cristo na coluna e São Pedro Arrependido, de Morales, existente na Catedral de Nuestra Señora de la Almudena, em Madrid, revelam esse complexo mundo espiritual da sua pintura, ligada à influência marcante que recebeu do pensamento renovador que o mundo dominicano, sobretudo com Frei Luís de Granada, lhe pudera transmitir” (Gomes, 2008: 121).

Frei Luís de Granada, segundo Victor Serrão, esteve ligado à seleção e definição da representação iconográfica da antiga igreja do Mosteiro de São Domingos, em Évora, hoje destruída Gomes, (2008: 122). O programa pictural com a *Virgem e o Menino* e *São João Batista* de grande plasticidade, é sem dúvida, como nenhum outro, um convite ao recolhimento e à oração”.

### **A espiritualidade de Frei Luís de Granada**

Segundo Silva Dias, foi no colégio dominicano de S. Gregório de Valladolid, Espanha, que Frei Luís travou contato com as obras espirituais do norte da Itália (Dias, 1960: 300). Em Escalaceli, onde ingressou em 1534, nasceu a força do seu amadurecimento espiritual. A seguir, quando ia decorrido o ano de 1551, tomou o caminho de Portugal impelido pela atividade missionária e ali escreveu grande parte de sua obra. Nas palavras do seu biógrafo-mor, Álvaro Huerga, foi justamente em Escalaceli, que encontrou o seu *método* e descobriu o “mistério de Cristo “ e a via interior e afectiva da oração e da prática cristã e onde, ademais, sofreu a grande influência do beato Juan de Ávila. Este método, o da oração mental, tematizada n’O *Libro de la Oración y Meditacion* (Huerga, 1988), esteve sempre presente no cerne das suas preocupações. Ele afirmava que o homem mais facilmente eleva o seu coração a Deus se adotar a oração mental.

Vale dizer que a imaginação gozava de foros de primazia na condução da sua oração e por meio dela reafirmava o valor da meditação na paixão

de Jesus, tal como Louis de Blois<sup>21</sup> que insistia na necessidade de exercitar a memória na Humanidade de Cristo e de exercitar o seu sofrimento em cada momento do suplício da Cruz<sup>22</sup>. A meditação imaginativa ou imaginária difundida pela *Vida Christi*, e mais tarde retomada nos exercícios de Loyola, teve deste modo ampla aceitação no círculo de todos os que no século XVI se interessavam pelos exercícios de alta espiritualidade. Talvez por esta a razão o *Libro de la Oración* tenha alcançado tanto sucesso editorial e acabasse por ser arrolado no *Índex* inquisitorial. Resultado: ao assumir a defesa da via afectiva, Frei Luís abriu espaço, sem o querer, a um confronto com a posição intelectualista<sup>23</sup>.

Mas se Granada defendia a oração mental, de maneira nenhuma descartava a oração vocal, pois ele entendia que esta última era absolutamente necessária aos iniciantes da vida devota e aos incapazes no acesso às vias superiores da oração mental. É certo que ele condenava os excessos da oração vocal quando rezada de forma apressada e esvaziada de sentimento<sup>24</sup>. Logo, por tudo isto, Luís de Granada corporificou uma forte tendência que se fez sentir no seu tempo, ao mesmo tempo em que atualizou uma tradição herdada dos místicos do Norte, como Henrique Hárffio e Tauler, que insistiam nas vantagens da oração mental sobre a vocal<sup>25</sup>. Contudo, se as afinidades entre os místicos de Estrasburgo e Colônia existiam realmente, nada autoriza a pensar que Granada os tenha lido em primeira mão, ainda que haja uma grande proximidade entre a defesa em prol dos leigos feita pelo

---

<sup>21</sup> «Regla de la Vida Espiritual: Como se Há de Fazer a Meditacion Cerca de la Passion de Christo, y que lo Avemos de Considerar, no Solo como Dios, Sino Tambiê como Hombre», cap. XXI, in *Obras de Ludovico Blosio, Abad Liciense, Monge de la Orden de San Benito* En Madrid: por Juan de la Cuesta, año 1619: 21-22.

<sup>22</sup> Ver o *Livro da Oração; Guia de Pecadores e Manual de Diversas Orações*.

<sup>23</sup> Segundo Emílio Colunga, em quase todos os períodos da história ocorreram confrontos entre místicos e não místicos. Não obstante, os aspectos mais destacados que separam os dois lados oponentes são a valorização da oração mental, o entendimento da Graça divina na vida do homem, as discussões sobre a frequência do sacramento da eucaristia, a posição frente à expansão da alta espiritualidade, o critério na hierarquização das virtudes e a divulgação em romance dos livros devotos (Colunga, 1914: 209 ss).

<sup>24</sup> Granada, *Memorial da La Vida Cristiana*, 1593: 62.

<sup>25</sup> O parentesco do pensamento granadino com os místicos do Norte é posto em evidência por Silva Dias. Veja-se da sua autoria *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal* (1960: 311). Ver de Hárffio, *Espelho da Perfeição*; do Pseudo-Taulero, *Exercícios*; de Luis de Blois, *Instituição Espiritual e Outros Opúsculos*; de Dionísio Ryckel, *Pérola Evangélica*.

espanhol dominicano e a insistência de Tauler sobre o alcance da perfeição cristã aberta a todos, bem como a ênfase na defesa da oração mental<sup>26</sup>.

Segundo Silva Dias e Álvaro Huerga, não só os místicos do Norte contribuíram para a formação do pensamento granadino, mas também a escola italiana, em particular a de Savonarola e a de Batista de Crema, que influenciou o dominicano espanhol (Dias, 1960: 304-305). Outros textos tiveram ascendência sobre Granada. Os de S. Boaventura, por exemplo. Outra influência que o marcou para toda a vida foi a do Beato Juan de Ávila por quem ele nutria a maior admiração<sup>27</sup>. Os exercícios de Inácio de Loyola também o inspiraram, e bastante<sup>28</sup>.

De empréstimos provenientes de distintas correntes espirituais e no confronto entre elas, Frei Luis de Granada produziu a sua obra. Integrado no campo maior do pietismo europeu, o dominicano granadino mergulhou nos livros do Antigo Testamento, bem como no Novo Testamento e nas Epístolas de São Paulo. Suas obras registram a sua vasta erudição onde busca referências desde pensadores da Antiguidade Clássica como Aristóteles<sup>29</sup> até um amplo leque de autores da Igreja Católica, de Santo Agostinho<sup>30</sup>, S. Gregório<sup>31</sup>, S. Jerônimo<sup>32</sup>, Santo Ambrósio<sup>33</sup>, São Tomás de Aquino<sup>34</sup>, Santo Anselmo<sup>35</sup>, todos largamente citados em seus escritos.

### **Granada e a espiritualidade de seu tempo**

A atração exercida pela espiritualidade mística nos séculos XVI e XVII, na Península Ibérica, explica em parte o interesse que os livros de Granada suscitaram. Este é, sem dúvida, o período de grande difusão de obras de alta espiritualidade, motivo por que muitas obras de místicos da região Reno-

---

<sup>26</sup> Rodrigues, 1976, vol. II: 944.

<sup>27</sup> Ver a respeito o livro de Huerga, *Fray Luis de Granada.*, op.cit.

<sup>28</sup> Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes de Sentimento...op. cit.*, p. 305.

<sup>29</sup> Ver Granada, *Guia Para Pecadores. A Riqueza da Virtude e o Caminho Para Alcançá-la*, 2008: 21; 22; 32. (edição mais recente publicada no Brasil).

<sup>30</sup> Granada, 2008: 22, 25, 33, 41, 69 e 72.

<sup>31</sup> Granada, 2008: 24, 125.

<sup>32</sup> Granada, 2008: 24,131.

<sup>33</sup> Granada, 2008: 58

<sup>34</sup> Granada, 2008: 26 e 27.

<sup>35</sup> Granada, 2008: 56.

Flamenga foram traduzidas do latim para o português ou para o espanhol, o mesmo acontecendo com obras provenientes de Itália (Dias, 1960).

Se os livros do dominicano granadino chamaram a atenção do grande público, este fato, antes de tudo, tem que ser visto à luz deste movimento. A título de exemplo, cite-se o *Libro de la Oración y Meditación*, editado em 1554, que continha modelos de oração mental e serviu de bússula nos caminhos da alta espiritualidade. Dele tiraram proveito os principantes e os iniciados<sup>36</sup>. A prática da oração mental, depois que foi sistematizada pela *Devotio Moderna*, tendeu a ser apropriada por leigos piedosos na Península Ibérica do século XVI. Divulgada por muitos escritores espirituais do século anterior, ela ganhou impulso nas mãos de religiosos como Frei João de Ávila, por exemplo, de quem Frei Luis de Granada foi um herdeiro espiritual (Huerga, 1988, pp. 45-46). Todos eles, em suma, a seu modo, atualizaram a doutrina que os teólogos renano-flamengos no seu tempo faziam da oração mental enquanto prática capaz de conduzir o crente no caminho da revelação (Libera, 1994, pp. 41-46)<sup>37</sup>.

Qualquer pessoa podia iniciar-se nos exercícios da vida contemplativa, ensinava Granada, e compartilhava uma idéia cara a outros espirituais da sua época, como D. Hilário Brandão (C.R.S.A), que defendia no seu livro *Voz do Amado* ser a “via unitiva “ um caminho acessível a todos (Fernandes: 1993:10-28). No início da década de setenta de Quinhentos, D. Gaspar de Leão, então a viver em Goa, advogava no seu *Desengano de Perdidos* que a teologia mística por ser superior à escolástica permitia ao leigo poder ascender às vias do amor unitivo (Belchior: 1994: 260-262 e 286-287).

Frei Luís de Granada defendeu este mesmo princípio, se bem que isso lhe tivesse custado vários dissabores. Além de censurados, os seus livros foram colocados na lista do *Índice de Valdés*, de 1559<sup>38</sup>. O famoso teólogo Melchor Cano

---

<sup>36</sup> O *Libro de la Oración y Meditación* conheceu várias edições. Constam do acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa as seguintes edições: Salamanca, 1567, 1570, 1572, 1573, 1577, 1579; Gerona, 1558; Lisboa, 1592 e 1612; Barcelona, 1615. Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra encontram-se as edições de Salamanca, 1573; Lisboa, 1592 e 1612. Na Biblioteca de Braga, a de Salamanca, 1573; Lisboa, 1592. Na Biblioteca de Évora, as de Salamanca, 1584 e 1586; Lisboa, 1592. E, finalmente, na Biblioteca de Leiria, a de Lisboa, 1612.

<sup>37</sup> ver também Cognet, 1968 : 46.

<sup>38</sup> *Catalogus Librorum Qui Prohibentur Mandato Ill. Et Rev. D. Ferdinandi de Valdés...* (Valladolid, 1559: 41, apud Huerga, 1988: 153. De Frei Luís de Granada constam: *De la oración y Meditación*, *Guía de Pecadores*, *Manual de Diversas Oraciones*, *Espirituales Exercicios*.

(O.P) via sombras de “alumbradismo” na literatura de alta espiritualidade produzida na época. A censura ao *Catecismo*<sup>39</sup> e a condenação do Arcebispo Carranza, são, entre inúmeros exemplos, os mais marcantes da repressão inquisitorial que se abateu contra todos os que se pronunciavam em favor desta prática oracional. Se a literatura ascético-mística ainda ofuscava os espíritos pela sua intensidade à época da ascensão de Felipe II ao trono, após a repressão levada a cabo pelos inquisidores ela não deixou, apesar de tudo, de se desenvolver em alguns meios religiosos. Foi o que se verificou no seio da reforma carmelitana após a exegese de Teresa de Jesus e de S. João da Cruz, não obstante as acusações e suspeitas de iluminismo (Bataillon 1979, 699-737).

O interesse pela vida contemplativa iria continuar assim a seduzir muita gente em todo o século XVI, e também no século XVII. O mosteiro de Santa Cruz dos religiosos carmelitas descalços é, por si, uma referência simbólica da importância que a vida contemplativa e a oração mental tiveram naquele tempo (Gomes, 1983).

Depois da censura aos seus livros, Frei Luís de Granada jamais deixou de escrever. É assim que em 1561 editou um pequeno volume com três opusculos dedicado à infanta D. Maria, sob o título *Memorial de lo que Debe Hacer el Cristiano, Tratado de Algunas Muy Devotas Oraciones, Vita Christi*, cujo êxito de vendas foi imediato<sup>40</sup>. Os livros desde logo encantaram, porque ofereciam ao leitor lições espirituais, de fácil entendimento. O terceiro opúsculo dispunha uma série de meditações sobre a vida de Cristo. Malgrado a censura, nunca, em momento algum, Granada desistiu de defender o primado da oração mental por parte dos leigos. Na apresentação do *Vita Christi* ele ministra ao leitor cristão as seguintes instruções:

“El tratado precedente, cristiano lector, sirve para el uso de la oración vocal, la cual con palabras humildes y devotas habla y negocia con Dios [...]. Más el tratado presente servirá al uso de la oración mental, que se hace en lo íntimo del corazón, en la cual entreviene la consideración de las cosas celestiales (...). Y entre otras muchas

---

<sup>39</sup> Carranza, Bartolomé. *Comentarios Sobre el Catechismo Cristiano*. Anvers, Martín Nicio, 1558.

<sup>40</sup> Foi editado em Lisboa, por Blavio, em 1561 (cf. HUERGA, *Fray Luis de Granada, op.cit.*, p. 161).

cosas que hay que considerar, una de las más principales es la vida y la pasión de Cristo”<sup>41</sup>.

Finalmente o Concílio de Trento acabou por retirar os seus livros do *Índice dos Livros Proibidos*; medida que naturalmente o aliviou das pressões inquisitoriais e lhe permitiu continuar a produzir e a divulgar as suas obras. Contudo, dali em diante Granada optou por não mais afrontar os princípios doutrinários defendidos pelos censores.

Se o tema de maior ênfase nos seus escritos é a alta espiritualidade, a verdade é que Granada não descuidou o que se poderá chamar a formação do bom cristão e a qualidade da vida religiosa. Para tanto, preocupou-se em orientar os fiéis na prática da virtude e na arte de vencer os vícios com o seu *Guia Para Pecadores*, bem como alcançar o caminho da perfeição e do bem viver, tema, de resto, recorrente no seu *Memorial de La Vida Cristiana*<sup>42</sup>. Uma das suas preocupações foi escrever não só para religiosos, mas também para os recém iniciados nos assuntos de fé.

Ele prestou igualmente um grande cuidado à qualidade dos sermões e à prática religiosa. Os treze sermões que acompanham o volume editado em 1559, do *Compêndio de Doutrina Cristã*, constituem um perfeito instrumento de pregação cristã destinado a ser lido nas igrejas quando os sacerdotes habilitados se mostrassem inábeis para elaborar os seus próprios sermões<sup>43</sup>. A esta escala, os seus escritos refletiam o pensamento dominante na Igreja Católica, após, sobretudo, o Concílio de Trento, cujo propósito era melhorar a qualidade do ensino religioso (Davidson<sup>1991</sup>).

Qualquer que seja o ângulo por se estudar a figura de Frei Luís de Granada, há um ponto que nos parece consensual: acima de tudo ele foi um espelho dos anseios de uma parte da sociedade católica do seu tempo. Se por um lado a sua escrita penetrou fundo na alma de uma significativa parcela da sociedade ibérica foi porque respondeu às ansiedades espirituais dos seus contemporâneos. Por outro lado o estilo com que transmitiu as suas idéias funcionou como

---

<sup>41</sup> *Obras de Fray Luis de Granada*, vol. XI, edición de J. Cuervo, Madrid, Fuentenebro, 1906-08: 353-354, citado por Hueriga, 1988: 161-162].

<sup>42</sup> Consultamos a edição de 1593, editada em Barcelona por Jayme Cendrat. (disponível no setor de Obras Raras na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

<sup>43</sup> Ver também sobre o assunto Rodrigues, 1976, vol. 1: 61; ver da mesma autora, «Frei Luís de Granada. Sermões para o Povo Português», 2004: 27-44.

uma mola propulsora na divulgação da sua palavra. Com as suas prédicas, seduziu muitos leitores no caminho da alta espiritualidade.

### Fuentes Editas

*CATHALOGUS LIBRORUM QUI PROHIBENTUR MANDATO III.*

Et Rev. D. Ferdinandi de Valdés. Valladolid, 1559.

CARRANZA, Bartolomé (1558). *Comentarios Sobre el Catechismo Christiano*. Anvers, Martín Nicio.

GRANADA, Fray Luis (1559) *Compendio de Doctrina Christãa Recopilado de Diversos Autores que Desta Matéria Escreverão, pelo R.P.F. Luys de Granada. Provincial da ordem de S. Domingos. Acrescentarão se o Cabo Treze Sermões das Principaes Festas do Anno: pelo mesmo Autor (...)*, Lisboa. Ioannes Blauio de Agripina Colonia, Impressor del Rey nosso Senhor.

— (1989). *Introducción del Símbolo de la Fe*. Madrid: Cátedra.

— (1562) *Libro de la Oracion y Meditacion. En el Qual se Trata de la Consideracion de los Principales Mysterios de Nuestra Fé. Com Otros Três Breves Tratados de la Excelência de las Principales Obras Penitenciales que Son: Limosna, Ayuno y Oracion [...]* En Lisboa: Por Antonio Aluarez.

— (1593) *.Memorial de La Vida Cristiana*. Barcelona: Por Jayme Cendrat.

— *Obras de Fray Luis de Granada*, vol. XI, edición de J. Cuervo, Madrid, Fuentenebro, 1906-08.

— (2008) *Guia de Pecadores. A Riqueza das Virtude e o Caminho Para Alcançá-la*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.

— *Manual de Diversas Oraciones, Espirituales Exercicios*.

LUDOVICO BLOSIO, ABAD LICIENSE, *Regla de la Vida Espiritual: Como se Há de Fazer a Meditaction Cerca de la Passion de Christo, y que lo Avemos de Considerar, no Solo como Dios, Sino Tambië como Hombre, em romance por el Meaestro Fray Gregorio de Alfaro, Abad del Monasterio de Nuestra Señora del Buesso, Monge de la misma Orden, natural de Cordova. Dedicadas a la Serenissima Reyna del Cielo, Madre de Dios, e Señora Nuestra de Atocha*. En Madrid: por Juan de la Cuesta, año 1619.

- MEDINA, Frei Afonso (1611) *Hum Tratado que com Poucas, Breves e Claras Palavras Fala de Todos os Modos e Maneiras de Oração*. Pedro Craesbeeck: Lisboa.
- MUÑOZ, Luis (1639) *Vida y Virtudes Del Venerable Varon El P.M. Fray Luis de Granada, de la Orden de Santo Domingo*. Ed. Maria de Quiñones: Madrid.
- SANTA ANA, Frei José Pereira de (1745). *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia Nestes Reinos de Portugal*, 2 tomos, Herdeiros de António Pedroso Galvão: Lisboa.
- SANTO ANTONIO, Frei Henrique (1745 e 1752). *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa No Reyno de Portugal e dos que Florescerão em Mais Ermos da Christandade*, tomo I, Francisco da Silva: Lisboa.
- SANTO ANTONIO, Pedro de (1632). *Jardim Spiritual Tirado da Doctrina dos Sanctos, e Valoens Spirituaes*. Matteus Pinheiro: Lisboa.
- TERESA DE JESUS (1995), *Obras Completas*. Ed. Loyola: São Paulo.
- TERESA DE JESÚS (1959). *Epistolario*. La Editorial Catolica, BAC: Madrid.

### **Bibliografia:**

- ANSELMO, Antonio Joaquim (1926) *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional: Lisboa.
- AROUCA, João Frederico de Gusmão (2003). *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Séc. XVII*. Biblioteca Nacional: Lisboa.
- BATAILLON, Marcel (1979). *Erasmus Y España*, F.U.E: Madrid
- BATAILLON, Marcel (1966). *Erasmus y España*. Fondo de Cultura Económica: México.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes (1994) “Gaspar de Leão “. *Antologia de Espirituais Portugueses*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda: Lisboa.
- BENASSAR, Bartolomé; VICENT, Bernard (2000). *España. Los Siglos de Oro*. Crítica: Barcelona.
- COLUNGA, Fr. Emílio (1914) “Intelectualistas y Místicos en la Teologia Española del Siglo XVI “, *La Ciência Tomista [publicação dos dominicanos espanhóis]*, vol. IX, Madrid, pp. 209-221.
- COGNET, Louis (1968). *Introduction aux Mystiques Rhéno Flamands*, Desclée : Paris.

- DAVIDSON, N. A (1991) *Contra-Reforma*. São Paulo, Martins Fontes.
- DIAS, José Sebastião da Silva (1960) *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*. Editora Da Universidade de Coimbra: Coimbra.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (1993). *Introdução a Brandão, Hilarário – Voz do Amado*. Ed. Presença: Lisboa.
- GOMES, Pinharanda (1983). *Caminhos Portugueses de Teresa de Ávila*. Pax: Braga.
- HUERGA, Álvaro (1988). *Fray Luis de Granada. Una Vida al Servicio de la Iglesia*, La Editorial Católica. BAC: Madrid.
- LIBERA, Alain de (1994). *La Mystique Rhénane. D'Albert le Grand à Maître Eckhart*, Ed. du Seuil : Paris.
- RODRIGUES, Maria Idalina (1976) *Frei Luís de Granada e a Literatura de Espiritualidade em Portugal*. Tese de Doutorado em Filologia Românica. Universidade de Lisboa. 2 v.
- (2004) “Frei Luís de Granada. Sermões para o Povo Português”, *Via Spiritus*, 11, pp. 27-44.
- SERRÃO, Vitor. (2008) “O Pintor Régio Fernão Gomes, O Mosteiro da Anunciada e a Fundação da Irmandade de São Lucas, Corporação dos Pintores de Lisboa, em 1602” In: Ana Cristina Gomes, Jose Augusto Mourão, José Eduardo Franco, Serrão, Vitor (Coords.), *Monjas Dominicanas. Presença, Arte e Patrimônio em Lisboa*, Alétheia Editores: Lisboa.
- SERQUET, Pierre O.C.D (1958). *De La Vie Devote a La Vie Mystique*, Desclée de Brouwer: Paris.

Recibido: agosto de 2011 / Aceptado: octubre de 2011